

HISTÓRIAS QUE ENCANTAM: A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO LEITORA NA INFÂNCIA

ENCHANTING STORIES: THE INFLUENCE OF CHILDREN'S LITERATURE ON READER FORMATION IN CHILDHOOD

Beatriz Braga de Amorim¹
Máira Moraes²

Recebido em 10/08/2024

Aprovado em 23/10/2024

RESUMO

O presente trabalho pesquisa teve como objetivo investigar e compreender as contribuições da literatura infantil no processo de formação de leitores, bem como os benefícios da leitura para o desenvolvimento integral da criança. Através da metodologia de pesquisa bibliográfica, em diferentes meios, foram exploradas e descritas reflexões sobre a importância de uma literatura desenvolvida especificamente para crianças para a formação leitora na infância. A produção e resultados da pesquisa bibliográfica indicam, em primeiro momento, o processo histórico de desenvolvimento e produção de uma literatura específica e direcionada para as crianças, mostrando sua evolução ao longo dos séculos, adaptando-se às necessidades educativas e culturais de cada época. Em um segundo momento, temos o posicionamento da literatura infantil não só como um gênero literário, mas como porta de entrada para o universo da leitura, com estímulos capazes de suscitar o interesse e o hábito de ler. No terceiro momento, temos a importância da leitura sob a ótica do desenvolvimento cognitivo e socioemocional infantil, mostrando-se fundamental para a obtenção de habilidades imprescindíveis para um desenvolvimento humano pleno e emancipatório.

Palavras-Chave: literatura infantil; formação leitora; benefícios da leitura; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The present research aimed to investigate and understand the contributions of children's literature in the process of forming readers, as well as the benefits of reading for the integral development of children. Through the methodology of bibliographic research, reflections on the importance of literature specifically developed for children in the formation of reading habits in childhood were explored and described. The production and results of the bibliographic research indicate, in the first instance, the historical process of development and production of literature specifically aimed at children, showing its evolution over the centuries, adapting to the educational and cultural needs of each era. In a second moment, the positioning of children's literature was analyzed not only as a literary genre but also as a gateway to the universe of reading, with stimuli capable of arousing interest and the habit of reading. In the third moment, the importance of reading from the perspective of cognitive and socio-emotional development in children was discussed, showing it to be fundamental for acquiring essential skills for full and emancipatory human development.

Keywords: children's literature; reader development; benefits of reading; children's development.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida/UVA. E-mail: beatrizbragadeamorim@gmail.com

² Professora no curso de Ciências Biológicas e Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida/UVA. E-mail: maira.pereira@uva.br

INTRODUÇÃO

Ler vai muito além do ato mecânico de decodificação do código linguístico. É imergir em diferentes realidades, sejam elas reais ou irreais. É conhecer novos mundo, culturas, pessoas, personagens. É deixar as emoções aflorarem com o passar das páginas. É adquirir saberes e atribuir novos sentidos ao que já conhecemos. É pensar, repensar, desenvolver novas ideias e, mais que isso, mudar de ideia. Ler é fazer descobertas e, muitas vezes, descobrir a si mesmo.

Não são todos, porém, que conhecem o prazer da leitura e reconhecem a sua importância. Os dados da pesquisa Retratos da Leitura, realizada pelo Instituto Pró-Livro no ano de 2019, e referência no que se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros, mostram que 48% da população da população brasileira não lê, percentual que equivale a 93 milhões de brasileiros. E os resultados preocupantes não param por aí: a média de obras lidas por pessoa ao ano é de 5 livros e, desse total, apenas 2,5 são lidos integralmente.

A formação leitora é um processo complexo e que depende de fatores que vão desde interesse e incentivo, até o acesso aos livros. Na preocupante conjuntura em que o Brasil se encontra com relação a leitura, em que cerca da metade da população constitui-se de não-leitores, faz-se necessário estudar as possibilidades e as formas mais eficazes de se promover a obtenção do hábito de ler, sendo a leitura fundamental para a aquisição de senso crítico, bem como de diversas habilidades fundamentais à integralidade do desenvolvimento humano.

A literatura infantil insere-se, então, neste cenário, como viabilizadora do processo de formação de leitores ainda na primeira infância, adequando não só as histórias aos interesses infantis, mas também o próprio formato do livro, que podem contar com a diversidade de recursos lúdicos para atrair a atenção dos pequenos leitores em formação. Além disso, faz-se necessário explorar as possíveis intervenções de incentivo à leitura tanto no âmbito escolar quanto no familiar, sendo estes pilares fundamentais no desenvolvimento educacional e cultural das crianças, proporcionando um ambiente propício para o crescimento intelectual.

Até certo período da História, não havia uma literatura especialmente produzida para o público infantil. Porém, com a evolução do conceito de infância, bem como dos estudos sobre seu desenvolvimento, a criança ganhou espaço e suas necessidades passaram a ser consideradas, fatores que propiciaram o surgimento da literatura infantil. No entanto, no Brasil, o hábito da leitura não é consolidado, e muitas crianças e jovens preferem, como fonte de diversão, filmes, séries e jogos, relegando a leitura a um segundo plano. É comum que leiam apenas por obrigação, sem perceber a leitura como uma fonte, além de conhecimento, de diversão e prazer.

A partir da observação do cenário brasileiro de poucos leitores, e com o advento e evolução constante de uma literatura dedicada exclusivamente às crianças, o incentivo à leitura faz-se necessário em todos os âmbitos da aprendizagem infantil. Os benefícios da formação leitora são diversos, se estendem até a vida adulta e configuram-se como fundamentais a um pleno desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Assim, o questionamento proposto neste trabalho de pesquisa, é: como o estímulo à leitura na infância pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança?

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo investigar como a formação leitora na infância pode ser estimulada, explorando as possibilidades da literatura infantil como elemento fundamental deste processo, além das intervenções possíveis nos âmbitos familiar e escolar para promover este estímulo. Serão explorados, ainda, os benefícios desta formação leitora ao desenvolvimento infantil e, por conseguinte, a uma formação plena na vida adulta. A leitura será compreendida, aqui, como fonte de prazer e divertimento, e ainda como estratégia lúdica para a apropriação de características e habilidades fundamentais ao pleno desenvolvimento humano.

EMBASAMENTO TEÓRICO

Literatura Infantil

155

Concepção de infância e origem da literatura infantil

É impossível pensar em literatura infantil, sem pensar em seu público leitor: as crianças. A concepção de criança e de infância, no entanto, sofreu uma série de mudanças ao longo da História. Faz-se necessário, então, analisar a origem da literatura infantil sob um viés histórico, social e cultural que considere as transformações ocorridas na sociedade desde a Idade Média até a Contemporaneidade.

Até o século XVII, como discorre Ariès (1981), as crianças conviviam em igualdade com os adultos, sendo consideradas “adultos em miniatura” e compartilhando o mesmo tipo de roupas, ambientes sociais e trabalho. Pelo fato de as crianças não serem socialmente percebidas como seres diferentes dos adultos, não havia um universo infantil, diferenciado e com coisas e características próprias, feitas especialmente para essa faixa etária, como roupas, objetos e, portanto, literatura. As histórias escutadas pelas crianças, eram aquelas produzidas para os adultos. Assim, as crianças da nobreza tinham acesso aos grandes clássicos literários enquanto as crianças que viviam nas aldeias ouviam lendas e histórias do folclore.

A partir do século XVIII, no entanto, devido a revolução social imposta pelas guerras daquele período, que modificaram os costumes entre a Idade Média e a modernidade, as noções de família e de infância transformaram-se, e a criança passou, então, a ser considerada um ser diferente do adulto, com particularidades, necessidades e características próprias. Assim, infância passa a ser vista como um período de fragilidade, em que a criança deve ser protegida e educada de maneira diferenciada dos adultos (ARIÈS, 1981). Segundo Zilberman (2006):

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2006, p.13)

Conforme Zilberman (2006), este novo olhar sobre a infância gerou maior união familiar e, junto a ela, a necessidade de meios de controlar o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. É a partir deste protecionismo que surge a necessidade de instituições que preservem o lugar das crianças e jovens na sociedade e que sirvam para mediar a sua relação com o mundo. É com esta missão, então, que começam a surgir as escolas, preparando-os e adequando-os ao convívio social e, através da alfabetização, habilitando-os ao consumo de obras literárias.

Sendo assim, é nesse momento, em que as preocupações sociais se voltam para a criança, que se origina o conceito de literatura infantil. De acordo com Lajolo e Zilberman (2006), a criança passou a deter um novo papel na sociedade, que motivou o surgimento não só de objetos culturais, como livros específicos para a faixa etária, mas também de brinquedos e de novos ramos da ciência, como pedagogia, psicologia infantil e pediatria. O período da infância passou a ser compreendido como um espaço de inocência, alegria e de falta de experiência e de domínio da realidade. Assim, a literatura infantil surge, no século XVIII, junto à preocupação com a infância e com o desenvolvimento infantil, e com o objetivo de educar, social e moralmente, as crianças, além de ajudá-las no enfrentamento da realidade.

Literatura infantil através da História

O advento da Literatura Infantil se deu, de acordo com Farias (2012), em meados do século XVIII, com o surgimento dos Contos de Fadas, que tem sua criação atribuída ao escritor francês Charles Perrault. Segundo a autora, Perrault retratava, em suas histórias, a sociedade de sua época, com grande influência do folclore, que é o principal elemento da literatura infantil produzida no período. Considerado o pai da

literatura infantil, o autor buscou narrativas orais folclóricas nas fontes populares, ou seja, em histórias contadas por camponeses, serventes, governantas e empregados, e adaptou-as para as crianças. Entre seus contos e histórias mais famosas, contidos em sua coletânea “Contos da Mamãe Gansa”, estão “O Barba Azul”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Pequeno Polegar” e “O Gato de Botas”. Assim, sendo pioneiro no aperfeiçoamento da literatura de forma a direcioná-la especialmente ao público infantil, Perrault estabeleceu as bases para um novo modelo literário.

Neste mesmo período surge, também na França, outro grande nome na literatura infantil: La Fontaine, que resgatava histórias pequenas e sempre acompanhadas de uma moral, chamadas fábulas. Suas fontes eram as histórias contadas pelo povo e histórias muito antigas, como as Fábulas de Esopo, de origem grega, e as Fábulas de Fedro, de origem romana, além de histórias bíblicas e coletâneas medievais e orientais, como As Mil e Uma Noites (COELHO, 2000). As “Fábulas de La Fontaine” mais famosas eram, entre outras histórias, “A Cigarra e a Formiga”, “A Raposa e as Uvas”, “O Lobo e o Cordeiro” e “O Leão e o Rato”. Coelho (2000) considera que suas fábulas contêm uma sabedoria prática que jamais envelhece, pois tem seu alicerce na natureza humana, que mesmo com o passar do tempo, permanece inalterada.

Neste período originário da literatura infantil, emergem, também, os trabalhos do francês François Fénelon. Segundo explicam os autores Kirchof, Souza e Pereira (2013), a primeira obra significativa de sua carreira foi “Da Educação das Meninas”, escrita a pedido da duquesa de Beauviller para ajudá-la na orientação de suas filhas. Algum tempo depois, ao ser escolhido para preceptor do Duque de Borgonha, herdeiro da coroa, Fénelon dedicou-se a elaborar fábulas como uma maneira de orientar e corrigir o comportamento do jovem. É possível inferir que os textos de Fénelon eram de cunho pedagógico, transmitindo apenas valores de caráter educativo, sem a percepção lúdica da leitura.

Já no século XIX, surge o autor dinamarquês Hans Cristian Andersen, que lançou, ao longo de 40 anos, 156 contos dedicados especialmente às crianças e que foram traduzidas para mais de 80 idiomas. O autor, que escrevia textos baseados na tradição popular e em contos que ouvia durante a infância, de acordo com Coelho (2000), ficou conhecido por trazer para as suas histórias a ideia de que todos os homens deveriam ter direitos iguais. Ele apontava, em suas obras, confrontos entre os fortes e os fracos, entre exploradores e explorados e entre os detentores de poder e os desprotegidos.

Os contos de Andersen expressavam a realidade cotidiana e tratavam de injustiças, egoísmo, miséria e outras mazelas sociais e, por isso, muitas vezes seus contos traziam finais trágicos, como em “A Pequena Vendedora de Fósforos”. Para Abramovich (1991), os contos do autor refletem a sua infância e sugerem padrões de comportamento

que remetem à época em que ele escrevia suas histórias. Andersen, já naquele tempo, falava sobre assuntos ainda hoje recorrentes, como a defesa por direitos iguais e combate a preconceitos. Entre suas obras mais famosas, estão “A Pequena Sereia”, “A Roupa Nova do Rei”, “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo” e “A Rainha da Neve”.

Seguindo a linha do tempo da literatura infantil, despontam, no início do século XIX, os alemães Jacob e Wilhelm Grimm, mundialmente conhecidos como os Irmãos Grimm. Os irmãos percorreram toda a Alemanha interagindo com o povo, ouvindo suas histórias e transcrevendo aquilo que coletavam. Como explica Abramovich (1991), a intenção dos irmãos, inicialmente, não era escrever para o público infantil, porém Wilhelm Grimm, por volta de 1815, decide utilizar seu material de forma mais sensível, porém conservando os elementos fantásticos e poéticos. Assim, como confirmado por Coelho (2000), os irmãos suavizam suas histórias, retirando os elementos de crueldade e violência explícita, consolidando, definitivamente, o gênero Literatura Infantil. De acordo com Kirchof, Souza e Pereira (2013) os irmãos publicaram cerca de 200 histórias, entre fábulas, contos e lendas, reunidas na coletânea “Contos para a Infância e para o Lar”. Entre as mais famosas, estão “A Bela Adormecida”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “O Flautista de Hamelin”, “Rapunzel”, e “João e Maria”.

A partir destas considerações sobre a história e evolução da literatura infantil e considerando a definição de Coelho (2000) de que a literatura infantil “expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão”, é possível compreender que cada época possui características próprias e, em decorrência disto, produz sua própria literatura, com características que remetem ao período em que foi produzida. Dotadas de caráter mais pedagógico, ou mais lúdico, as obras literárias direcionadas às crianças constituem, ontem e hoje, uma forma de aprendizagem agregadora, lúdica e prazerosa.

Formação leitora na infância

A construção do hábito da leitura

A primeira infância, como discorre Aguiar (2007), é um período crucial no desenvolvimento mental, emocional e de socialização de um indivíduo. De acordo com a autora, é até os 6 anos de idade que as estruturas físicas e intelectuais de crescimento e aprendizagem se desenvolvem de maneira a estabelecer suas fundações para o resto da vida da pessoa. Corroborando os apontamentos de Aguiar, há a abordagem de Vygotsky (2010), segundo a qual “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”. Além disso, o autor explica que tudo aquilo que uma criança realiza, quando pequena, com a ajuda de um adulto, será capaz de realizar sozinha futuramente.

Aplicando este pensamento de Vygotsky (2010) à leitura na infância, temos que, em um primeiro momento, a criança ouve a história contada por um adulto, relacionando o enredo da história com as ilustrações do livro. Em um segundo momento, essa criança já será capaz de recontar a história, guiando-se pelas imagens do livro e pela repetição das falas do adulto. Por fim, prosseguindo em seu desenvolvimento, a criança irá apropriar-se da linguagem escrita, tornando-se capaz de ler de maneira independente.

Por este motivo, e conforme exprime Vargas (2009), o desenvolvimento das crianças é, em grande parte, baseado nos hábitos adquiridos na primeira infância e que são desenvolvidos no cotidiano e de acordo com os costumes de cada grupo social. Vargas (2009 *apud* OLIVEIRA, 2008) aponta, ainda, que é na infância que os indivíduos se encontram mais propensos a desenvolver hábitos que serão seguidos no futuro. Sendo a leitura um destes hábitos, é de fundamental importância que desde a mais tenra idade, existam estímulos ao seu desenvolvimento.

Em pesquisa apresentada no encontro anual da Pediatric Academic Societies (PAS) em 2015, feita com crianças de 3 a 5 anos, mostrou-se que o estímulo precoce transforma a forma de processamento das histórias pelo cérebro, aumentando as chances de formar um leitor ávido. Isso acontece porque mesmo que a criança ainda não consiga compreender o significado as palavras, elas servem como estímulo ao seu desenvolvimento. Os resultados da pesquisa mostraram, ainda, que quanto maior a exposição à leitura, mais áreas cerebrais responsáveis pela atribuição de significados a frases e palavras foram ativadas. Foi observada, também, a influência da leitura nas áreas cerebrais ligadas à capacidade de elaboração de imagens mentais. Quanto maior essa capacidade, maior costuma ser o prazer em ler.

Freire (1989) aponta que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”. Com essa afirmação, o autor mostra que a leitura se inicia quando a criança começa a perceber o mundo ao seu redor através das interações sociais, antes mesmo de aprender a ler. E quando se torna capaz de ler a palavra, ou seja, de decifrar o código linguístico, traz para o ato da leitura a percepção do meio em que se encontra inserida. Portanto, ainda que a criança não tenha desenvolvido a capacidade de ler sozinha, ou não se prenda totalmente à história, ela se interessa pelos desenhos do livro e pelo tom da voz de quem lê a história, por exemplo. Como aponta Martins (1994):

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação: desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1994, p. 23)

Assim, torna-se clara a importância de promover o contato das crianças, desde muito cedo, com a literatura, para que a formação leitora tenha início o quanto antes. Para Vargas (2009), quanto antes acontecer o contato com material de leitura, mais fácil será criar um hábito sem associá-lo à obrigação ou provas. De acordo com a autora, a infância é o mais propício momento para a formação de leitores, porque ainda há o fascínio pela magia e fantasia, além da curiosidade e questionamentos despertados quando os pequenos leitores se deparam com fatos desconhecidos.

Segundo Bamberguerd (2000), existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura, sendo o mais importante a existência de uma “atmosfera literária”, tanto no ambiente familiar, quanto no escolar. Para o autor, o contato desde a primeira infância com os livros e com a escuta de histórias, constitui-se como fator fundamental para o despertar do interesse pela leitura. A criança que houve histórias desde cedo e é estimulada à leitura, desenvolve a capacidade de ler com maior desenvoltura e de aprender mais facilmente, transformando-se em uma leitora capaz. Dessa forma, o autor aponta que o interesse pela leitura está intimamente ligado à motivação. Como apontam Kirchof, Souza e Pereira (2013), é possível que um indivíduo ingresse no território da leitura a qualquer momento de sua vida, mas apontam que, quanto mais cedo se iniciar a prática da leitura, mais cedo irá se estabelecer a identidade de leitor literário, que participará da construção da subjetividade do sujeito.

Outro fator que facilita a criação do hábito da leitura na infância, é que, segundo Machado (2001), a memória das crianças ainda tem muito “espaço” disponível, então tudo que é ali “colocado” tem muitas chances de, ali, permanecer, ainda que como uma lembrança vaga, por toda a vida. Como as lembranças infantis são mais duráveis e nítidas, se o encontro com obras interessantes e atrativas acontece cedo, é possível que na juventude e vida adulta o interesse por estas obras continue naturalmente, inclusive com a busca por obras dos mesmos autores lidos na infância. Como cita Machado (2001): “todos esses diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passaram a fazer parte da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi.”

Para Sandroni e Machado (1991), é na infância que se formam as atitudes fundamentais em relação aos livros. Os hábitos se formam cedo e, sendo a leitura um hábito, precisa de um ambiente propício ao seu desenvolvimento, que se torna muito difícil se não for estimulado no círculo familiar, já que um importante fator no processo de introdução à leitura é o exemplo que a criança tem em casa. O livro pode ser totalmente desconhecido por uma criança caso não seja utilizado e apreciado em seu ambiente familiar, onde se desenrolam os primeiros momentos de sua vida. A proximidade entre a criança e o livro é essencial para o desenvolvimento de uma intimidade entre eles, por isso é imprescindível que a família tenha o hábito de ler e de compartilhar bons momentos de leitura e contação de histórias com a criança. Nesse sentido, Machado (2001) afirma:

Em termos bem simples estou convencida de que o que leva uma criança a ler, antes de mais nada, é o exemplo. Da mesma forma que ela aprende a escovar os dentes, comer com garfo e faca, vestir-se, calçar sapatos, e tantas outras atividades cotidianas. Desde pequena, vê os adultos fazendo assim. Então, também quer fazer. Não é natural, é cultural. Nos povos onde se come diretamente com as mãos, não adianta dar garfo e colher aos meninos, se nunca viram ninguém utilizá-los. Se nenhum adulto em volta da criança costuma ler, dificilmente vai se formar um leitor. (MACHADO, 2001, p.116)

No entanto, quando esse incentivo não vem da família, o papel da escola torna-se, além de influenciadora do hábito da leitura, o de geradora da oportunidade de ler, ou seja, de proporcionar aos alunos o acesso à leitura. Porém, como aponta Sandroni e Machado (1991), se uma criança tem seu primeiro contato com os livros somente quando começa a frequentar a escola, é muito comum que ela associe a leitura estritamente com a situação escolar. Muitas vezes, a própria instituição educacional reforça essa ideia, utilizando os livros apenas como fonte didático-pedagógica. Os alunos se veem, então, obrigados a ler livros pelos quais não se interessam, apenas para fazer uma prova depois. Com isso, o aluno acaba por construir uma concepção da leitura como obrigatoriedade e não como um hábito prazeroso e divertido, visão que pode perdurar até a vida adulta, onde o livro vai sempre remeter à ideia de leituras massivas e obrigatórias.

É preciso, então, que a escola proporcione e alimente o interesse pela leitura que extrapole a mera obrigatoriedade, desenvolvendo um programa que consiga alinhar os conteúdos relacionados ao currículo escolar à grande variedade de livros de literatura infantil como fábulas, poesias e contos de fadas, sempre respeitando a idade dos alunos, seus interesses e o contexto sociocultural em que estão inseridos. A disponibilidade de livros diversos para a livre escolha do aluno é decisiva para que o interesse pela leitura seja despertado. É importante que os professores ofereçam aos seus alunos, diariamente, e de forma natural e agradável, oportunidades de ouvir e ler histórias. É preciso que acreditem, reconheçam e demonstrem aos seus alunos que o livro pode ir muito além de instruir; pode ser uma atividade muito prazerosa e divertida. Como aponta Solé (1998), muitos alunos podem não ter oportunidades, fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição.

Para Costa (2007), é importante que os professores conciliem contos clássicos e contemporâneos, atentando-se a diferentes gêneros literários, pois cada um possui aspectos específicos cujo entendimento é crucial para um bom desenvolvimento da

leitura. Por isso, é fundamental que o trabalho com a literatura se dê através de um professor leitor, apto a escolher obras apropriadas ao leitor infantil, já que é necessário reconhecer as fases do leitor até que ele se torne autônomo, e a empregar recursos metodológicos eficazes, para que haja o estímulo a leitura, compreensão das obras e verbalização daquilo que foi apreendido. Para a autora:

Importantíssimo, que o professor seja um leitor, para que possa ser um bom mediador de leitura. Transferir a leitura pessoal para uma prática docente de formação de leitores é uma passagem suave e prazerosa da ação leitora. Se não existirem esses momentos anteriores de leitura a tarefa do professor se torna um fardo, acumula dificuldades, assusta e desestimula. Um docente que não lê, será um executor, jamais um criador. (COSTA, 2007, p.113)

O hábito da leitura deve ser construído, tanto no âmbito familiar, quanto no escolar, de forma prazerosa e gradativa, podendo ainda incluir recursos tecnológicos, como *e-readers*, para a leitura de livros digitais, e bibliotecas virtuais, por exemplo. Como afirma Abramovich (1991), ouvir e ler diversas histórias é importante para a formação de qualquer criança, e escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor, o que, segundo a autora, proporciona “um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. Aqui, entra o papel da literatura infantil: possibilitar o interesse e o desenvolvimento do hábito de ler logo no início da vida, propiciando a iniciação e, aos poucos, a evolução do processo de leitura.

162

Literatura e Estágios de Desenvolvimento Psicológico

O desenvolvimento infantil é determinado por diferentes estágios psicológicos que se correlacionam diretamente com o hábito da leitura. Estes estágios, segundo Coelho (2000), não dependem apenas da idade, mas estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento e amadurecimento afetivo, intelectual e psíquico das crianças e jovens. Por isso, a autora ressalta a importância da definição e compreensão dos estágios de leitura, para que se determinem os livros mais adequados à cada etapa de desenvolvimento. Estes estágios são: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico.

Pré-leitor

Esta categoria, segundo Coelho (2000), abrange duas fases: a primeira e a segunda infância. A primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) é a fase em que a criança começa a reconhecer o mundo através do tato e do contato afetivo, sentindo, por isso, a necessidade de pegar e tocar quaisquer objetos que estejam ao seu alcance. É nessa fase, também, que se dá a aquisição da linguagem, e a criança passa a nomear aquilo

que está ao seu redor. O estímulo ao desenvolvimento infantil, nessa fase, se dá através de brinquedos, jogos, chocalhos, entre outros. As situações de leitura, aqui, são simples: acontecem através da nomeação e identificação de objetos e situações, com o auxílio de um adulto.

Assim, nesta fase, é possível fornecer aos pequenos leitores em formação, livros de pano, livros para brincar no banho, livros cartonados e com recursos táteis, feitos de materiais resistentes e que proporcionem interatividade e leitura compartilhada. Devem ser livros atrativos, já que a criança está vivenciando uma fase de grande curiosidade em relação a tudo aquilo que a cerca.

Na segunda infância (a partir dos 2/3 anos), a criança está mais adaptada ao meio físico e vivencia o aumento da sua capacidade, bem como do seu interesse, pela comunicação verbal. Como há um grande interesse por atividades lúdicas, o livro, aqui, assumirá uma função de, ora brinquedo, ora objeto de leitura. Os livros, nesta fase, devem ser resistentes e com formatos e recursos interessantes e diferentes, como abas, “puxe e ache”, texturas e alto relevo. É muito importante também, nesta etapa, a presença do adulto mediador, que será o grande responsável pelo incentivo à leitura.

Leitor iniciante

Esta etapa, formada por crianças com idade entre 6 e 7 anos de idade, é onde tem início a apropriação da decodificação dos símbolos gráficos. Por isso, para Coelho (2000), os livros desta fase devem ter uma linguagem bastante simples e serem compostos por começo, meio e fim. É apropriado, também, que as imagens predominem sobre os textos e que sejam explicativas, para que as crianças sejam capazes de interpretá-las e relacioná-las com o que está escrito.

Ainda segundo a autora, os livros devem “estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir”. Para isso, devem ser oferecidos livros que estimulem o pensamento lógico e desafiem a inteligência, que apresentem discussões sobre valores respeito às diferenças, gentileza e empatia, por exemplo, que sejam capazes de estimular a imaginação, aguçar a curiosidade, ajudar as crianças a compreenderem seus sentimentos e comportamentos, a desenvolver a atenção, a memória, a concentração e o vocabulário.

Leitor em processo

De acordo com Coelho (2000), o leitor em processo, com idade entre 8 e 9 anos, já domina o mecanismo da leitura. Há um maior desenvolvimento do pensamento, com a realização de operações mentais e interesse pela natureza e por desafios. Nesta fase, há uma grande atração por temas humorísticos e que trazem

situações inesperadas ou satíricas. Para o autor, devem ser apresentados livros com imagens e textos com frases simples, de comunicação objetiva e direta.

Nesta etapa de desenvolvimento, são fundamentais os estímulos a autonomia, a criticidade, e a construção de senso moral e ético, fundamentais para a formação de cidadãos conscientes, empáticos e solidários. Esta construção pode dar-se através de histórias que promovam reflexões e tirem o leitor de sua “zona de conforto”, ampliando seus horizontes e sua capacidade de compreensão e crítica do mundo ao seu redor.

Leitor fluente

O leitor fluente, com idade entre 10 e 11 anos de idade, está na fase de plena consolidação dos mecanismos da leitura e avanço em sua capacidade de concentração, possibilitando a leitura de textos com linguagem mais elaborada. Segundo Coelho (2000) é nesta fase que a criança começa a desenvolver o “pensamento hipotético dedutivo”, que se configura como a capacidade de deduzir conclusões de premissas que são hipóteses, ao invés de deduzir de fatos que tenham sido observados, e a capacidade de abstração.

Este leitor, que já não mais necessita de um mediador, é atraído por histórias de cunho ético e político, com personagens que lutam por seus ideais. Os principais temas literários desta fase são lendas, romances, policiais, aventuras e mitos. São livros em que é preciso interpretar diferentes situações, captar abstrações, elaborar hipóteses e deduções, entre outros processos que exigem um maior esforço cognitivo.

164

Leitor crítico

A principal característica do leitor crítico, que se encontra a partir dos 12/13 anos de idade, é o domínio total e absoluto da leitura e da linguagem escrita, além da alta capacidade de reflexão, que permite a intertextualidade. Este leitor já possui consciência crítica com relação ao mundo e, segundo Coelho (2000), seu convívio com o texto literário “deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura” já que, para a autora, há conhecimentos sobre literatura que não podem ser deixados de lado pelo leitor crítico.

O leitor crítico continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém com uma ampliação da diversidade de gêneros, podendo se interessar por livros de suspense, terror e aventura. Este leitor já se encontra mais consciente de sua realidade social, exercendo sua capacidade crítica não só sobre a leitura dos livros, como também da leitura de mundo.

Leitura e Desenvolvimento Infantil

Desenvolvimento cognitivo

Como afirmam Kirchof, Souza e Pereira (2013), a leitura é um processo mental intenso, capaz de desenvolver e ampliar as capacidades cognitivas. Assim, o acesso a literatura infantil e o incentivo ao hábito da leitura promove, na infância, além de grande desenvolvimento no que se refere à cultura, ciência e conhecimento de mundo, a ampliação do vocabulário, da criatividade e da imaginação, o aperfeiçoamento da oralidade, da expressão escrita e da interpretação de textos, e o desenvolvimento da autonomia, da personalidade individual, do raciocínio lógico e do senso crítico.

Desde o nascimento, a criança faz descobertas e começa a interpretar as diversas formas de se comunicar com as pessoas e com o mundo externo. A partir do momento em que é inserida na escola, este processo é intensificado, pois a alfabetização e a leitura proporcionam novas formas de interação. Conseqüentemente, com o exercício constante da leitura, o pequeno leitor começa a interpretar os textos que lê, adicionando, ao conteúdo lido, seu conhecimento de mundo prévio, e desenvolvendo um olhar crítico sobre as histórias que lê. Para Marafigo (2012):

Durante o período de desenvolvimento, a criança deve ser estimulada a sentir-se motivada em busca do interesse no conteúdo do livro e pelo treino da linguagem. O estímulo precoce é muito eficaz, tendo em vista que levam as crianças a folhear os livros, despertar o desejo de ler e praticar com maior assiduidade a narrativa de histórias e a leitura oral. [...] A criança através da literatura é desafiada como ser humano a expressar seus pensamentos e opiniões, através da linguagem. (MARAFIGO, 2012, p.6)

Como apontado por Dohme (2011), as histórias são utilizadas, pelas crianças, como ferramentas para conhecer o que se passa ao seu redor, bem como conhecer outras realidades as quais não tem acesso diretamente, ampliando seu conhecimento e sua visão de mundo e das diferenças culturais, sociais, entre outros aspectos nele presentes. Este fator favorece o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva a criança a adotar uma atitude responsiva diante daquilo que lê, o que promove o desenvolvimento de sua autonomia. Além disso, para Pontes (2014), o hábito da leitura contribui para a melhor dicção, expressão oral e aumento da proficiência da escrita, fatores que exercem importância para o desenvolvimento de leitores pensantes e críticos. A importância da criticidade na leitura se dá pois, como expressa Silva (2002):

Pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (SILVA, 2002, p.26)

Acesso geral: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila>

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas



A criança torna-se, assim, apta a construir sua personalidade através da identificação de valores, princípios, comportamentos e atitudes, identificando aqueles que as enriquecem e aqueles que devem ser questionados para a transformação da sociedade e desenvolvendo, assim, a autonomia de seu pensamento. Neste mesmo sentido, Zilberman (2006) aponta que, a partir de sua inserção no mundo da ficção, a criança começa a criar seus próprios conceitos, desprendendo-se de pré-julgamentos, desenvolvendo pontos de vista e rompendo com ideias e pensamentos de senso comum. É dessa forma que, para a autora, a literatura produz, sobre a criança, um efeito emancipatório, desenvolvendo sua autonomia. Para Machado (2001):

Ler literatura, livros que levem a um esforço de decifração, além de ser um prazer, é um exercício de pensar, analisar, criticar. Um ato de resistência cultural. Perguntar “para onde queremos ir?” e “como?” pressupõe uma recusa do estereótipo e uma aposta na invenção. Pelo menos, uma certa curiosidade de uma opinião que não é exatamente a nossa e o benefício da dúvida, sem a convicção do monopólio da verdade. (MACHADO, 2001, p.88)

É importante que haja o estímulo ao hábito de ler por prazer e, para isso, é fundamental que se apresente, aos leitores em formação, livros interessantes e adequados não só a idade, mas ao contexto social em que estão inseridos. Pontes (2014) disserta sobre o fato de a leitura ser crucial para a aprendizagem humana, afirmando que é através dela que há o enriquecimento do vocabulário, obtenção de conhecimento, desenvolvimento da capacidade interpretativa com relação aos textos, além da dinamização do raciocínio. Prado (1996) corrobora o exposto, afirmando que:

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p.19-20)

Para Dohme (2011), ao ouvir ou ler narrativas interessantes, as crianças são capazes de adentrar na história, conhecendo, através dos personagens, diversos locais, sejam eles reais ou fantásticos e vivendo as mais diversas aventuras através das páginas do livro, fatores que fazem transbordar a imaginação, promovendo o desenvolvimento de sua criatividade. Como explica Amarilha (2013), a literatura promove a quebra do real, contribuindo para que o leitor utilize do imaginário para poder vivenciar todas as possibilidades que as histórias oferecem. Assim, a ficção seria

a ordenação da realidade e da imaginação, servindo como o meio pelo qual se acessa o imaginário.

Orelo e Vitorino (2012), afirmam que a leitura, ao estimular estimula a imaginação e a criatividade, promove o desenvolvimento de informacionais ligadas aos processos criativos e cognitivos, que estão conectados à sensibilidade e à solidariedade. Além de proporcionarem o desenvolvimento do imaginário, as histórias infantis têm um papel de enorme importância simbólica, favorecendo o desenvolvimento de uma personalidade saudável na criança. As autoras explicam também que, ao ler e ouvir histórias, as crianças são estimuladas a desenvolver uma gramática de comunicação sem regras fixas, abrangendo as dimensões verbal, imaginária e sensorial.

É necessário que os pequenos leitores não apenas leiam, mas exercitem o que aprendem através da leitura, por meio de reflexões, diálogos, argumentações e discussões; é precisa haver troca entre leitor e texto. Para Busatto (2010), falar sobre as histórias proporciona o exercício da argumentação, do raciocínio, e da comunicação, além de favorecer as interações sociais e o senso de cidadania. Além disso, as crianças exercitam a oralidade e a escrita, através da escuta e da leitura de histórias, enriquecendo o seu repertório de vocabulário e de imagens mentais. Conforme Rossini (2002), as histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem e do pensar em suas fases de evolução: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento.

Para Fabrino (2014), a literatura vai além de contar histórias, trazendo informações enriquecedoras para a vida intelectual. Por meio dos clássicos literários é possível obter diversas informações culturais e ideológicas, além de aumentar o repertório de ideias, oferecendo condições para o desenvolvimento de habilidades argumentativas e reforçando a consciência e o senso crítico. Como afirma Prado (1996), “o livro é aquele brinquedo, por incrível que pareça, que entre um mistério e um segredo, põe ideias na cabeça”

Desenvolvimento socioemocional

Com o crescimento e desenvolvimento infantil algumas questões começam a surgir e a ser vivenciadas pela criança. Dohme (2011) cita, entre outras questões, problemas psicológicos decorrentes de mudanças físicas, frustrações, problemas de autoaceitação, dificuldades para se autoconhecer, rivalidade com irmãos e colegas, dificuldades para lidar com sentimentos conflitantes e dilemas relacionados a ética e moral. Para a autora, a criança é capaz de alcançar a compreensão e a habilidade para enfrentar as situações adversas que a ela se apresentarem, mesmo que não tenha o

conhecimento racional do que se passa em seu inconsciente; ela familiariza-se com ele através de fantasias que se relacionam à essas questões.

Neste cenário, a literatura infantil assume o papel de facilitar e auxiliar as crianças no tocante a questões que são muito complexas e conflitantes para a compreensão infantil. Isso acontece porque, como explana Dohme (2011), as crianças possuem dificuldades em compreender situações abstratas, isoladas de um contexto. As histórias assumem, aqui, o papel de fornecer um contexto, levando a criança a compreender e fazer associações com a realidade de maneira inconsciente; assim, as histórias realizam a função de transformar o abstrato em concreto.

Os personagens das histórias, contos de fadas, fábulas, parábolas, entre outros, compreendem-se, segundo Coelho (2010), como símbolos ou alegorias de situações vivenciadas pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias. Estas narrativas surgem, então, no universo infantil, como uma analogia às dificuldades e aos problemas enfrentados pelas crianças, falando sobre assuntos que fazem parte da vida infantil, mas que, por muitas vezes, as crianças não são capazes de expressar. Nesse sentido, Bettelheim (2007) aponta que:

Quanto mais tentei entender a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (BETTELHEIM, 2007, p.6)

168

Como expõe Coelho (2010), as histórias falam sobre questões que afligem as crianças, como medo, carência, abandono, preconceito, perdas, conflitos familiares, entre outras questões que podem ser difíceis de lidar na infância. E estas mesmas histórias trazem as possíveis maneiras de lidar com estes conflitos, através, por exemplo, do amor, da amizade, da coragem e da perseverança, mostrando que é possível suportar provações e superar obstáculos em busca de um final feliz.

De acordo com o exposto por Bettelheim (2007), toda criança está sujeita a sentimentos difíceis e conflituosos que, na maioria das vezes, é incapaz de expressar e explicar através de palavras, ou só consegue fazê-lo de forma indireta, através do medo do escuro, ou de algum animal, como exemplifica o autor. Então, quando uma determinada história corresponde à forma como criança se sente, ela a toma por verdadeira e realista. Bettelheim (2007) explica que, quando uma criança oferece a uma história imagens vivas de suas emoções, conseguem identificar maneiras para lidar com estes sentimentos, percebendo seu sentido e assegurando, em nível consciente e inconsciente, que conseguirá superá-lo.

Para Dohme (2011), a literatura infantil, ao retratar atitudes humanas e suas consequências, possibilita que diversos valores sejam trabalhados com as crianças de forma lúdica. O trabalho com estes valores são fundamentais para um bom desenvolvimento das competências socioemocionais na infância, garantindo que as crianças adquiram habilidades interpessoais, que envolvem sua relação com outros indivíduos e intrapessoais, que se referem a sua relação consigo mesma e que, como afirma Abramovich (1991), auxilia a criança a reconhecer seu lugar no mundo e a aceitar-se, construindo uma identidade e imagem próprias.

Entre os valores que podem ser ensinados e discutidos através das histórias, Dohme (2011) cita a alegria, trabalhada através do estímulo a boa disposição e a ver o lado bom e divertido das situações; amor, ao ensinar a desejar o bem a todos e a ter e demonstrar afeição pelas pessoas; generosidade, ao mostrar que se deve compartilhar e dividir aquilo que se possui com demais; coragem, ao conduzir a criança a manter uma postura perseverante mesmo diante de novas e desafiadoras situações; entre outros valores, como cooperação, honestidade, cortesia, justiça, confiabilidade, tolerância, igualdade, lealdade, empatia, paciência, respeito, paz, responsabilidade e solicitude.

Assim, as diversas questões que surgem na infância, como medos, inseguranças, inquietações, ansiedades e curiosidades, podem ser respondidas, indiretamente, com a ajuda das histórias infantis. Coelho (2000) afirma, neste sentido, que intuitivamente a criança compreenderá que estas histórias, ainda que irreais ou inventadas, não são falsas, pois comparadas às suas experiências pessoais, elas são similares. Segundo a autora, essa compreensão é internalizada pela criança, ampliando sua experiência de vida, auxiliando em seu autoconhecimento e melhorando a sua convivência em sociedade.

169

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho de pesquisa foi possível explicitar o quanto a literatura infantil é fundamental para a formação leitora na infância. Para isso, foi preciso compreender, em um primeiro momento, o contexto histórico do surgimento da literatura infantil, os principais autores que ajudaram a difundir o gênero literário, além de sua evolução através do tempo. Somente então foi possível investigar como as obras literárias contribuem para a formação de leitores desde a primeira infância e para o adquirento dos benefícios que ela traz consigo.

O estudo possibilitou a compreensão da literatura infantil para além de apenas um gênero, sendo tomada como recurso de acesso, pelas crianças, ao universo literário. A partir do momento em que a criança entra em contato com esse novo universo, tem início a formação de um leitor eficiente, com condições de compreender

a vida e o mundo que a cerca através das palavras. A leitura assume o papel de, ludicamente, auxiliar a criança a encontrar respostas para suas mais diversas indagações, auxiliando-a no seu autoconhecimento e na sua percepção sobre o meio ao seu redor. Entrelaçam-se assim, no ato da leitura, aprendizagem e prazer.

A literatura infantil age como instrumento emancipatório, porque possibilita a formulação de conceitos e ideias, além da autonomia do pensamento, ajudando a superar a dependência. A função da literatura vai muito além de atuar apenas como um instrumento de aprendizagem de leitura e escrita; ela atua sobre os leitores promovendo sua evolução, tornando-os pensantes, capazes de interpretar e criticar aquilo que leem. A criança leitora de hoje, é o adulto crítico e questionador de amanhã.

As obras literárias direcionadas às crianças e atrativas para esse público, são capazes de suscitar e estimular o interesse pela leitura, culminando na formação do hábito e no despertar do prazer de ler. Como resultado, tem-se o adquirento de habilidades de oralidade, imaginação, escrita, argumentação, senso crítico, criatividade, entre muitas outras no campo cognitivo, além daquelas desenvolvidas no campo socioemocional, como respeito, empatia, generosidade, amizade e tolerância, fundamentais a uma formação cidadã.

Assim, compreende-se que a literatura é capaz de transformar a forma pela qual se vê o mundo; desperta emoções, sentimentos, provoca reflexões, promove quebra de preconceitos e de paradigmas, entre tantos outros estímulos intelectuais e emocionais. E é através da literatura infantil, começando pelos contos de fadas, fábulas, e outras histórias, sejam elas escutadas ou lidas, que um leitor começa a se formar dentro de cada indivíduo.

170

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

AGUIAR, Gabriela. **Breve Panorama sobre a Primeira Infância no Brasil**. Disponível em:

https://www.academia.edu/33623931/BREVE_PANORAMA_SOBRE_A_PRIMEIRA_INFANCIA_NO_BRASIL_PRIMEIRA_INFANCIA_2007. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. São Paulo: Livraria da Física, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade em sala de aula**. 1. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

COELHO, Nelly. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2010.

CONDORÚ, Marise; SANTOS, Ana Cristina. **A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento da criança: um estudo de caso no Projeto Literatura da Biblioteca do SESC DOCA**. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação. Brasília, v. 11, n. 2, p. 410 - 430, maio/agosto 2018.

COSTA, Marta. **Metodologia do Ensino da Literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

DOHME, Vânia. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

FABRINO, Ana Maria. **História da literatura universal: Por que ler os clássicos da literatura?** Curitiba: InterSaberes, 2014.

FARIAS, Francy. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. Disponível em:

<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>. Acesso em: 16 de mar. de 2024.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

KIRCHOF, Edgar; SOUZA, Luana; PEREIRA, Mara. **Literatura Infantojuvenil**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de Fuga**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARAFIGO, Elisângela. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>. Acesso em: 08 de abr. de 2024

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2019.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; VITORINO, Elizete Vieira. **Competência informacional: um olhar para a dimensão estética**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1614/1066>. Acesso em: 4 maio de 2024.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de**

Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <

[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia de pesquisa e elaboracao de teses e dissertacoes 4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf). Acesso em 04 de abr. de 2024.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**.

14ª Edição. São Paulo: Atlas, 2013.